

Do Banto a Brecht

* Psicólogo, poeta e psicanalista. Professor associado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO/DSC).

*Alexandre Magno Teixeira de Carvalho**

*Diogo Cesar Nunes***

1)

Do Banto a Brecht

Saravá, meu guia

Macumba rara

Meu Velho

Não é todo dia

É toda hora

Na corda bamba

Na roda

Na gira

A gente não quer

Pão com osso

Na fila

A gente quer Benjamin

Muito

Varando fronteiras

Encruzas

Tito Frei nome de rua

Lavando as guias

Pisa na linha

Sopro de vida

Vazando muros

Risca, rabisca, inscreve

Escreve, escuta!

A pemba que risca

Se arrisca limita

Deixa bem claro e legível

Na terra

No asfalto

No chão:

- Aqui não, sinhá

** historiador, mestre e doutor em Psicologia Social. Professor do curso de Psicologia da UNIABEU Centro Universitário e assessor pedagógico da ENSP/Fiocruz.

- Sinhô, aqui não!

2)

Do banto a Brecht, passageando por Benjamin.

Um risco no chão:

pemba na mão, falatórios na cabeça - nas bocas do/no estômago.

Encruzada dos nós, todos (os) nós, ao mesmo tempo, em tempo.

Macumba rara, pra lá de Irajá.

Aqui, o Haiti, Bagdá e Acari. Por ali, na fronteira,

o granulado de giz me diz, nos diz, que todos esses “is” e “iz” estão aqui pra forçar,
ou forciz, uma macumba pobre de rima.

Rinha dos sentidos, perto e longe,

bem aqui: no cruzo,

na pipa avoadada dos corações alados, aladroados.

Nos interessa, somente, o que nos escapa;

marca de pneus no chão sujo da cidade triste, bossa nova de eternos retornos.

Do banto a Brecht, passageando por Benjamin:

utopia de um mundo, agora eu era.

Quer ver? Quer ver?! Então escuta.

Rastro da pemba no chão,

língua na mão,

raio de sombra na terra.